

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - FUTURO
5 e 26 de Dezembro de 2024**

ENTRE LES MURS / 2008 A Turma

Um filme de Laurent Cantet

Argumento: Laurent Cantet, Robin Campillo e François Bégaudeau, a partir do romance epónimo (2006) de Bégaudeau / *Diretor de fotografia (HDV, cor, distribuído em 35 mm):* Pierre Milon / *Figurinos:* Bebeth Joinet, Marie Le Garrec / *Montagem:* Robin Campillo, Stéphanie Léger / *Som:* Faraz Mesgari Abbasi (desenho, gravação e mistura) / *Interpretação:* François Bégaudeau (*François Marin*), Agame Malembo-Emene (*Agame*), Angélica Sancio (*Angélica*), Arthur Fogel (*Arthur*), Burak (*Burak*), Carl Nanor (*Carl*) e outros.

Produção: Haut et Court (Paris) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 130 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (competição oficial), 24 de Maio de 2008 / *Primeira apresentação em Portugal:* 9 de Outubro de 2019, no âmbito da 20ª Festa do Cinema Francês; distribuição comercial a 30 de Outubro (cinemas Londres, Amoreiras e Corte Inglés).

Laurent Cantet chamou a atenção para o seu nome com a sua segunda longa-metragem, **Recursos Humanos** (1999), que descreve uma greve numa fábrica, num tom que desde há muito se convencionou chamar *semi-documentário*, por se tratar de uma ficção filmada *como se fosse* um documentário. O simulacro está na essência de qualquer forma de cinema e sabemos pelo menos desde Dezembro de 1895 e a **Saída da Fábrica Lumière em Lyon** (rodado no Verão do ano anterior) que todo documentário é encenado. Neste filme, o primeiro a ter sido mostrado na primeira sessão pública de cinema no mundo, ninguém olha para a câmara (numa óbvia injunção dos Lumière e num primeiro gesto consciente de *mise en scène*) e todos caminham no ritmo necessário para possam sair da fábrica e os seus portões comecem a fechar-se antes de chegarem ao fim os quarenta segundos de um rolo de película de 1895. Sessenta anos depois, quando surgiram câmaras e microfones leves, diminuindo a distância entre aquele que filma e aquele que é filmado, discutiu-se longamente o assunto (até que ponto um documentário é encenado ou é uma reencenação do que se vive na realidade quotidiana?) e a abolição das fronteiras rígidas entre estas duas vertentes do cinema é considerada uma das conquistas da época. Mais de meio século decorreu desde então e a tecnologia digital tornou possível colocar câmaras nos espaços mais diminutos e íntimos, cercando as pessoas filmadas com um aparato técnico mínimo, fazendo com que elas se “esqueçam” da presença da câmara, na medida em que isto é possível. O resultado foi uma tendência cada vez maior a documentários que têm algo das emissões *big brother*, com a total abolição da distância entre quem filme e aquilo que é filmado e um desenrolar contínuo da “ação” filmada, como na vida real. **Entre les Murs/A Turma**, a quinta longa-metragem de Cantet, é um exemplo absolutamente emblemático deste tipo de cinema. Note-se que, como não era raro naquela altura, o filme foi rodado em digital, com nada menos de três câmaras, porém distribuído em cópias em película de 35 mm, por razões práticas, pois poucas salas projetavam então em digital, o que é um gesto marcado pela flagrante contradição de querer guardar, ao mesmo tempo, as vantagens do digital e o prestígio, então ainda prevalecente, do 35 mm.

O filme causou sensação e surpresa ao receber a Palma de Ouro no Festival de Cannes, diante de um júri presidido por Sean Penn, num ano em que competiam para aquele que é ainda o mais prestigioso prémio cinematográfico realizadores tão diferentes quando Matteo Garrone (**Gomorra**), Brillante Mendoza (**Serbis**), os irmãos Dardenne (**Le Silence de Lorna**) e, do lado da grande indústria americana, Clint Eastwood (**Changeling**) e Steven

Soderbergh (**Che**). Foi assim que, nos magros quilômetros da Croisette, um grupo de adolescentes pouco favorecidos ombreou durante algumas horas com vedetas internacionais. Podemos ter a certeza de que estas últimas sentiram bastante orgulho de terem sido tão democráticas, um orgulho ainda maior do que vaidade que possam ter sentido os adolescentes de um bairro popular de Paris em poderem ver de perto estrelas de cinema e aparecerem no jornal das 8 da televisão. O filme, baseado num livro-testemunha de um professor que trabalhou durante anos em liceus de zonas difíceis de Paris e dos seus subúrbios (e interpreta o papel do professor), provocou um vasto debate em França sobre o ensino secundário ministrado no país: em última análise, quem deve adaptar-se ao outro, o ensino ou os alunos? Ou seja, o imigrante deve adaptar-se à sociedade onde foi viver ou é esta que deve adaptar-se, em nome de particularismos, recusando a homogeneidade? O saber oficial é “elitista” ou há uma recusa de princípio deste e de qualquer outro saber académico por parte dos alunos “saídos da imigração”, segundo o francesíssimo eufemismo em uso? É racismo mostrar um aluno maliano violento e repleto de preconceitos machistas? Laurent Cantet afirma que o filme “*é ao mesmo tempo utópico e distópico*”, o que é bastante exato e talvez explique porque elementos da esquerda, da direita e da extrema-direita francesas julgaram-no uma pintura exemplar da situação dos liceus em França, com a inevitável constatação de que o mesmo ensino para todos já não basta como grande força de integração social, como foi o caso durante mais de um século. O próprio título do filme, *entre as paredes*, muito mais rico do que o aceitável porém prosaico título comercial português, indica que o ensino e as aventuras mentais que podem proporcionar a descoberta de um certo saber (a riqueza de uma língua, as belezas da sua literatura, a compreensão da configuração geográfica do espaço em que vivemos e dos acontecimentos históricos que nos precederam), pertencem a um espaço limitado, fora do mundo. Tudo aquilo que o liceu proporciona e se afasta do mais tosco prosaísmo da vida quotidiana é rejeitado. É precisamente um saber de base comum a todos que é recusado por um grande número dos principais interessados, como se constata a cada passo do filme, que (é necessário dizê-lo?) teve grande êxito comercial em França (mais de um milhão e meio de espectadores) e, graças à *Palme d’Or*, foi exportado para vários países.

O que não se pode negar a **Entre les Murs** é verosimilhança social. Como diz um professor secundário que participou do filme, “*tudo é plausível, tudo o que vemos acontece, embora de modo menos concentrado*”, num eco involuntário ao desabusado comentário do diretor de um liceu: “*o público vai descobrir a crueldade do mundo dos alunos e ver a que ponto os professores são impotentes*”. A leveza do material e o baixo custo de uma rodagem em digital permitiu a Cantet reunir nada menos de cento e setenta horas de material filmado, reduzido para duas horas e dez minutos na montagem definitiva. O realizador explica que o filme foi feito com três câmaras digitais de alta definição, porém não por razões de economia, “*porque estas câmaras custam o preço de uma em 35 mm*”. Todas as cenas na sala de aula foram rodadas com três câmaras, as que se situam fora deste espaço foram-no com duas. Nas cenas da sala de aulas, havia uma câmara que focava de modo permanente o professor, ao passo que as outras duas mostravam os alunos. O realizador ficava num canto, diante de três monitores, ligado por um microfone, o que lhe permitia dar-lhe indicações. “*Quando as coisas não aconteciam de maneira tão acertada quanto eu esperava, quando os elementos narrativos de que eu necessitava não aconteciam naturalmente, eu os sugeria*”. Todo o filme se estrutura sobre um conflito e um permanente diálogo/debate, em que personalidades individuais se afirmam e aquilo que é coletivo é metodicamente rejeitado, o que não induz a muito otimismo.

Antonio Rodrigues